



Tear Online é licenciada sob uma Licença Creative Commons.

DO VALE TRÊS FORQUILHAS AO VALE RIO DOS SINOS. TRADIÇÃO E RUPTURA

FROM VALE TRÊS FORQUILHAS TO VALE DOS SINOS. TRADITIONS AND RUPTURE

Oneide Bobsin*

Resumo:

Este artigo analisa a trajetória de famílias de pequenos agricultores, descendentes de imigrantes alemães, que se deslocaram do Vale Três Forquilhas para bairros periféricos do município de São Leopoldo, região conhecida como Vale do Rio dos Sinos, no contexto da industrialização e urbanização da segunda metade do século XX. Analisamos as mudanças nas práticas religiosas dessas comunidades ao longo das gerações, evidenciando a influência do Movimento Evangelical e, posteriormente, do Movimento Carismático. A pesquisa busca compreender como a migração para áreas urbanas e a exposição a novas influências religiosas impactaram as comunidades evangélico-luteranas originárias do Vale Três Forquilhas. A partir da análise da trajetória dessas famílias, pretende-se contribuir para os debates sobre a relação entre processos de migração, transformações socioespaciais e as dinâmicas religiosas em contextos de urbanização acelerada.

Palavras-chave: Religião. Imigração Alemã. Movimento Carismático. Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB.

Abstract:

This article analyzes the trajectory of smallholder farming families, descendants of German immigrants, who migrated from the Três Forquilhas Valley to the peripheral neighborhoods of the municipality of São Leopoldo, located in the Rio dos Sinos Valley, in the context of industrialization and urbanization during the second half of the 20th century. We analyze the changes in the religious practices of these communities over generations, highlighting the influence of the Evangelical Movement and, subsequently, the Charismatic Movement. The research aims to

* Oneide Bobsin nasceu em julho de 1955 em Itati, Vale Três Forquilhas, área rural do Litoral Norte do Rio Grande do Sul. Em sua genealogia, encontram-se os seguintes sobrenomes de avós e bisavós: Silva Porto, Meier, Bobsin, Eberhardt, Sparramberger e Santos. Concluiu a graduação em Teologia em 1981. Fez o mestrado em Ciências da Religião (1984) e o doutorado em Sociologia Política (1992) na PUC-SP. Docente de Ciências da Religião na Faculdades EST desde 1996. É coordenador do Grupo de Pesquisa Identidade Étnica e Interculturalidade. Mantém o Blog: oneide-bobsin.com.br

understand how migration to urban areas and exposure to new religious influences have impacted the Evangelical Lutheran communities originally from the Três Forquilhas Valley. By analyzing the trajectory of these families, we intend to contribute to the debates on the relationship between migration processes, sociospatial transformations, and religious dynamics in contexts of accelerated urbanization.

Keywords: Religion. German Immigration. Charismatic Movement. Evangelical Church of Lutheran Confession in Brazil – IECLB.

Introdução

Por conta da industrialização e urbanização capitalistas na segunda metade do século passado, agricultores e agricultoras da quinta e sexta gerações dos imigrantes de origem alemã no Brasil trocaram a vida social precária em regiões coloniais do interior do estado do Rio Grande do Sul pelas condições de vulnerabilidade social nos bairros periféricos de cidades da capital, a Grande Porto Alegre. Neste sentido, o objetivo do artigo é caracterizar a trajetória de famílias de pequenos agricultores do Vale Três Forquilhas, descendentes de pessoas de fala alemã que em 1826/27 lá foram instaladas pelo Império, para bairros populares de São Leopoldo. Limitamo-nos a um grupo muito específico, cuja trajetória de migração se direcionou coletivamente para os bairros periféricos de Arroio da Manteiga e Vila Campina. No lastro desta trajetória social, as Comunidades Evangélico-Luteranas, que se formaram a partir da migração, passaram por influências teológicas e eclesiais no novo contexto em razão da influência do chamado Movimento Evangelical, que sendo superado, em parte, pelo Movimento Carismático de características pentecostais, provocou uma dissidência que confluiu na evasão para novas igrejas autônomas.

Agricultura Familiar de Subsistência e Religião

Em 2026, o Vale Três Forquilhas¹ comemorará 200 anos de presença de imigrantes europeus e de seus descendentes de fala alemã e seus dialetos, bem como da presença protestante hoje representada pela Paróquia Evangélica de

¹ Vale Três Forquilhas compreende o município de Itati, emancipado de Terra de Areia, antes vinculado a Osório, e o município de Três Forquilhas, emancipado de Torres.

Confissão Luterana (IECLB)² e por uma Comunidade da Igreja Evangélica Luterana (IELB), esta fruto da ação missionária dos “missourianos”, expressão usadas pelos evangélicos da IECLB daquela região, durante a Segunda Guerra Mundial. Sempre ouvi na minha infância que “luteranos” são os outros, cuja Igreja tinha vínculos com o Sínodo Missouri nos Estados Unidos através da IELB. A referida Comunidade, oriunda da IECLB, está acantonada na Boa União.³

O objetivo, neste tópico, é pontuar alguns aspectos históricos da “Comunidade cristã protestante do Vale Três Forquilhas”, assim denominada numa petição ao Ministro do Estado do Governo imperial brasileiro, em 1827, na qual há uma relação de 46 colonos imigrantes que agradecem ao “nobre e gracioso imperador”. Nesta mesma petição, os colonos fazem algumas reivindicações, o que parece contestar a tese segundo a qual esta população pouco se envolveria em política ao longo de seus duzentos anos,⁴ como bem argumenta o historiador Marcos Witt, em sua tese de doutorado,⁵ junto com o seu orientador, René Gertz, que relativizam a tese acerca do apoliticismo dos imigrantes e seus descendentes.⁶ Da mesma forma são questionadas as teses do isolamento como causa única da falta do desenvolvimento econômico daquela região em relação a São Leopoldo, para onde, a partir da segunda metade do século passado, dirigiram-se agricultores e agricultoras do Vale Três Forquilhas.

Esta breve contextualização histórica e social serve de moldura para a relação de nomes daquela petição de 1827 em que aparecem sobrenomes de famílias que continuam, em grande parte, no Vale Três Forquilhas e algumas nos bairros periféricos de São Leopoldo: Schmitt, Feck, Justin, Mittmann, Menger,

² Paróquia Evangélica de Confissão Luterana em Três forquilhas. Tal denominação é recente, pois sempre nos entendíamos localmente como Comunidade Evangélica de Itati e, nos primórdios da Imigração, Comunidade Evangélica Alemã de Três Forquilhas. Acesso em 18/01/2024. <https://www.luteranos.com.br/paroquia/vale-tres-forquilhas>

³ Igreja Luterana São Paulo de Boa União. Disponível em: <https://www.facebook.com/ielbboauniao/?locale=pt_BR>. Acesso em: 07 fev. 2024.

⁴ HUNSCHÉ, Carlos H. **O Ano de 1825 da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora Metrópole, 1977, em folhas destacadas entre páginas 160- 161.

⁵ WITT, Marcos Antônio. **Em busca de um lugar ao sol: Estratégias Políticas: Imigração Alemã Rio Grande do Sul – Século XX**. São Leopoldo: OIKOS, 2000. p. 9-26. (Apresentação e introdução de René Gertz).

⁶ GERTZ, René. **O Fascismo no sul do Brasil**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987. p. 27-33. O referido autor fala de duas posições, ambas perigosas, tanto pela intromissão quanto pela omissão.

Klippel, Mauer, Sparranberger, Hoffmann, Becker, Gross, Bobsien, Engel, Jacoby. Muitos de seus descendentes estão relacionados nas Comunidades de fé de Campina e a Arroio da Manteiga,⁷ além de outros conforme relações abaixo.⁸

Mesmo que por muito tempo predominasse o casamento endogâmico entre os protestantes alemães e seus descendentes, o contexto maior era formado por famílias portuguesas, afro-brasileiras, indígenas e migrantes do Nordeste Brasileiro, em especial do Ceará; estes em função de conflitos que exigiam tropas federais no alto da serra após a Proclamação da República, e que parte não voltou para o nordeste. Os que se integraram à colônia, fizeram-no por meio de casamentos com teuto-brasileiras protestantes. Nas nossas salas de aula na escola comunitária evangélica, ao lado do templo, todas as crianças do local eram acolhidas. Assim, foram inclusos os filhos e as filhas dos migrantes do Ceará com sobrenome Rosa, bem como Melo, de origem católica, cujo pai veio da serra e se casou com uma mulher protestante. E não cabe esquecer a vinda de ítalo-brasileiros da Barra do Ouro, de sobrenome Neto e Girardi, católicos, entre outros.

A historiadora do Vale Três Forquilhas, professora Nilsa Huyer, faz uma bela síntese sobre as relações interétnicas e interconfessionais no Vale Três Forquilhas, de maioria protestante. Ela cita que em 1844 aconteceu o batismo do filho do índio Manoel dos Santos e de sua esposa Magdalena Strach, segundo livro de registro da Comunidade Evangélica de Três Forquilhas. Cita que o menino Anton, filho da escravizada Maria, da nação nagô, pertencente ao Pastor Voges, foi batizado e teve como padrinhos pessoas descendentes dos imigrantes, o que era comum acontecer entre protestantes que se utilizavam das pessoas escravizadas para o trabalho doméstico e na lavoura. Os sobrenomes de filhos de pessoas escravizadas eram ignorados no batismo; os sobrenomes dos padrinhos teuto-brasileiros substituíam os sobrenomes da mãe de origem africana. Assim, os casamentos interétnicos⁹ e inter-

⁷ Na relação dos 47 colonos que se dirigem ao Imperador do Brasil, em 1827, constam sobrenomes que fizeram parte da colônia alemã católica de São Pedro de Alcântara, nome este dado em razão da visita à região do Imperador do Brasil.

⁸ Preservei os sobrenomes das famílias, ignorando os nomes como forma de anonimato. Todos os sobrenomes citados são oriundos de documentos históricos preservados na Secretaria do Sínodo Rio dos Sinos/IECLB, Morro Do Espelho – São Leopoldo/RS. Logo, não houve abordagem direta com as pessoas citadas.

⁹ HUYER, Nilza Ely. **Vale Três Forquilhas – Litoral Norte/RS: história e memória**. São Leopoldo: OIKOS, 2021. p. 153-157.

religiosos foram acontecendo, o que mostra que quem estava na região pertencia à religião, por batismo e por casamentos. Tempo e lugares se intercruzavam.

Ainda cabe lembrar a chegada de japoneses em 1967. Eram as famílias Abe, Aso, Kanno, Miyazaki, Ouchi, Shimomura, Sho, Takimooto e Tanaka. Eles se somaram às demais etnias anteriormente mencionadas e passaram a participar da Comunidade Evangélica Luterana. Apenas uma família permaneceu budista. “Em 07 de outubro de 1973, a colônia de Três Forquilhas registrava o primeiro enlace matrimonial entre o teuto-descendente protestante José Paulo Lipert Brehm (...) e a budista Ayako Ouchi, natural da cidade de Fukushima no Japão.¹⁰ Neste contexto cabe lembrar que se constituiu uma Congregação Japonesa evangélico-luterana, algumas vezes visitada por um pastor da IECLB de São Paulo, de origem japonesa. Cedo se integraram na comunidade civil e religiosa. Nas sepulturas do casal Miyasaki, no cemitério evangélico, nas primeiras semanas após a morte, havia pratos de Comunidade, seguindo uma tradição xintoísta do Japão.¹¹ Repetindo a ideia de que se está na região, está na religião.

Portanto, o sincretismo é uma marca forte do Vale Três Forquilhas, como forte é a presença da IECLB com sua identidade confessional reelaborada pela cultura miscigenada daquele ambiente marcado pela pequena propriedade rural gerida pela família. Remeto o leitor e a leitora para textos por mim elaborados,¹² que podem ajudar a entender o impacto da pregação evangélica e carismática sobre uma religião camponesa, de pequena propriedade familiar, em contextos periféricos de São Leopoldo.

Perdurando por quase duzentos anos no Vale Três Forquilhas, a pequena propriedade gerida pela família em busca de subsistência, merece a atenção teórica de historiadores como Henri Lefebvre, De lo Rural ao Urbano:

¹⁰ HUYER, 20021, p, 157.

¹¹ ANDRÉ, Richard Gonçalves. Do Samsara à ancestralidade: a apropriação do culto aos ancestrais no Budismo japonês. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano XI, n. 32, p. 277-305, Setembro/Dezembro de 2018. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/download/40442/751375138171/>>. Acesso em: 15 jul. 2024.

¹² BOBSIN, Oneide. Ladrões de cavalos e carismáticos – entre Mecklemburg e Butterbach. In: MUGGE, Miquéias; MUGGE, Erny; HAUENSTEIN, Iria. (Org.). **Construindo Diálogos– História, Educação e Ecumenismo**. Homenagem a Martin N. Dreher. São Leopoldo; OIKOS, 2010. p. 73-86.

La comunidade rural es una forma de comunidad orgânica, y no se reduce a una solidariedade mecânica de elementos individuales. Allí donde triunfan el intercambio de mercancías, el dinero, la economía monetária y el individualismo la comunidad, es reemplazada por la exterioridad recíproca de los individuos y el “libre” contrato de trabajo. La conformidad reúne, orgánicamente, no ya individuos, sino comunidades parciales y subordinadas, famílias”.¹³

Lefebvre vale-se de categorias sociológicas durkheimianas para caracterizar dois tipos de sociedade. Logo, o Vale Três Forquilhas não foi submetido à dispersão, à dissolução, à atomização com fortes marcas individualistas decorrentes da solidariedade mecânica.¹⁴ O mesmo não pode ser dito acerca do destino urbano do grupo de migrantes que deixaram o mundo rural, amplamente marcado pela precariedade técnica em revitalizar o solo trabalhado por sucessivas gerações, bem como as constantes subdivisões dos lotes originários. Mesmo assim, a migração direcionada para lugares periféricos na cidade industrial leopoldense, pelo menos na primeira geração, parece ter trocado as precárias condições sociais pela vulnerabilidade suburbana, distinguindo-se do mundo rural pela oferta de melhores condições para tratar a saúde e pelo trabalho remunerado para quem não tinha formação profissional. Os braços da roça se adaptaram bem aos trabalhos nas fábricas.

A vida religiosa do Vale Três, especialmente marcada pela Paróquia Evangélica da IECLB, seguia e segue o ciclo ritual e sacramental determinado pela instituição eclesiástica. Este sistema se mantém intacto e demarca o tempo por ritos de passagem. Ele pauta a vida das famílias camponeses em ciclos bem determinados que parecem ter afinidades com os ciclos da agricultura. Vamos a um exemplo: os agricultores pautavam as suas atividades ouvindo os serviços de meteorologia das rádios de Porto Alegre. Logo, integraram a técnica aos ciclos de plantação e de atividades. Mesmo assim, oravam em seus cultos para que Deus enviasse chuvas ou acalmassem os temporais que prejudicavam as plantações. Os dois sistemas estavam bem integrados, pois a meteorologia, como técnica, não é dona do tempo, que pertence a Deus. Também as benzeduras para curar doenças em pessoas e animais eram clandestinas aos olhos do clero oficial, mas não

¹³ LEFEBVRE, Henri. **De lo Rural a lo Urbano**. Antología preparada por Mario Gaviria. Barcelona: Ediciones Península, 1971. p. 27. DURHAN, Eunice. **A Caminho da Cidade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978. p. 136-141.

¹⁴ LEFEBVRE, 1971, p. 27.

contendia com pastores, embora esses se opusessem às práticas mágicas, conforme a estrutura do campo religioso.¹⁵

Com esta tradição, um tanto holística da vida as famílias, migraram para os bairros periféricos de São Leopoldo, onde foram evangelizados por uma perspectiva marcada por um contexto e espiritualidades influenciadas pela solidariedade mecânica, como frisado acima. Também Weber caracteriza a religião do camponês, o que vale para o Vale Três Forquilhas:

Ainda as igrejas medievais, e sua doutrina oficial (Tomás de Aquino), tratam o camponês, no fundo, como um cristão de categoria inferior, sempre com pouquíssima consideração. A glorificação religiosa do camponês e a crença no valor específico de sua devoção é só produto de um desenvolvimento moderno. Inicialmente, é uma atitude específica do luteranismo, num contraste sensível com o calvinismo e com a maioria das seitas protestantes [...].¹⁶

Weber nos ajuda a perguntar se o movimento evangelical e carismático não assumem o lugar do calvinismo e das seitas protestantes em relação à espiritualidade do camponês em adaptação ao mundo urbano periférico.

Cisão Carismática urbano-periférica

A Assembleia Geral Extraordinária da Comunidade do Arroio da Manteiga,¹⁷ filiada à Paróquia Evangélica Luterana Vida Nova, esta criada em 1999, aconteceu na casa do senhor Reinheimer, pelo fato de que o templo e o salão, bem como a casa pastoral, já estivessem sob o domínio do grupo carismático dissidente. A assembleia fora dirigida pela presidenta sinodal, senhora Vera L. Roth e pelo pastor vice sinodal Kurt Rieck, devido ao conflito teológico que dividiu a Comunidade. Destacamos da ata a solicitação de membros que pediram o desligamento da Comunidade Evangélica Arroio da Manteiga, conseqüentemente da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Aproximadamente 170 pessoas

¹⁵ WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. Fundamentos da sociologia compreensiva. V. I. São Paulo: Editora UnB, 2004. Destacamos o capítulo V – Sociologia da Religião (tipos de relações comunitárias religiosas), p. 479- 418. Neste tópico, o autor analisa o poder entre o sacerdote, profetas e mágicos, os quais disputam os leigos.

¹⁶ WEBER, 2004, p. 322.

¹⁷ COMUNIDADE EVANGÉLICA DE ARROIO DA MANTEIGA. **Ata da Assembleia Geral Extraordinária da Comunidade Evangélica de Arroio da Manteiga, em 03/08/2006, às 19:30 horas**. Arquivo do Sínodo Rio dos Sinos/São Leopoldo.

pediram a desfiliação da IECLB. A nominata permite agrupar, por sobrenomes, as pessoas que se desligaram e que são oriundas do Vale Três Forquilhas. Aproximadamente 120 pessoas, cujas famílias conheci na escola primária e na Comunidade Evangélico-luterana de Três Forquilhas na minha infância e juventude,¹⁸ deligaram-se da IECLB.

Sigamos nossa análise destacando os sobrenomes das famílias que se desligaram, fruto de conflitos teológicos entre evangélicas, carismáticas e tradicionais: Justin, Trisch, Flores, Bobsin, König, Engel, Voges, Vieira, Santos, Gross, Rodrigues, Steinmetz, Sparranberger, Ricardo e Maschmann. Tais sobrenomes compreendem aproximadamente 120 pessoas de origem no Vale Três Forquilhas. Cinco famílias têm sobrenome português, o que indica que a Igreja Evangélico-luterana em Três forquilhas já era multiétnica, mesmo com fortes traços endogâmicos. A Igreja Evangélica-Luterana do Vale Três Forquilhas se reproduziu de geração em geração ao longo de dois séculos, agregando pelo casamento pessoas de outras etnias e igrejas, em razão da tradição que propunha que a mulher “virasse” de religião. Mas o contrário também acontecia em menor grau. No passado e no presente, a Paróquia cresceu e cresce para além do vegetativo, por adesão de pessoas da Igreja Católica e de outras que voltaram mais recentemente à terra natal, depois de aposentadas. Há ainda famílias da Grande Porto Alegre, que mantêm a filiação à Comunidade rural para ter direito ao cemitério evangélico. Portanto, a migração massiva da pequena propriedade rural de subsistência para as cidades da Grande Porto Alegre esvaziou a velha colônia, mas a Igreja permaneceu com seus costumes rurais e tradição religiosa muito bem sedimentada, ou seja, manteve a sua memória.

A endogamia persistiu no Arroio da Manteiga. Se juntarmos o primeiro e o segundo sobrenomes, percebe-se que os casamentos aconteciam entre membros da mesma Comunidade de fé e da mesma origem geográfica, especialmente na primeira geração urbana dos migrantes. Os casamentos exogâmicos eram poucos. Os mesmos traços sociais e religiosos podem ser estendidos a aproximadamente 50

¹⁸ O período em análise coincide com minha infância e juventude. A trajetória do povo do qual faço parte coincide com esta fase da minha vida a partir dos anos 70 do século passado. Sou pesquisador e pesquisado ao mesmo tempo. Depois de ter estudado em Ivoti – Escola Normal Evangélica – entre 1972 e 1974, ingressei na Escola de Teologia em 1975.

peças de origem geográfica distinta do Vale Três Forquilhas, com sobrenomes teuto-brasileiros, ítalo-brasileiros e portugueses. Seguem alguns exemplos: Kampf, Lampert, Corrêa, Berger, Hans, Debastiane, Albuquerque, Rosa, Gonçalves, Mamu, Marques, Koch, Zanela, Dal Mora, Vargas, Moraes, Budke, Silva, entre outros e outras.

Portanto, vemos a diversidade étnica na origem do processo migratório no Vale Três Forquilhas, predominantemente evangélico-luterano, bem como no Arroio da Manteiga que recebeu migrantes de outros lugares. No contexto urbano periférico, a endogamia esmaeceu-se pouco na fase inicial de adaptação dos agricultores e das agricultoras ao contexto urbano. Pergunta-se, então, se a presença de outras etnias no grupo de pessoas oriundas de outros lugares seria decorrente da proposta “conversionista”, que será analisada posteriormente, na transição do Movimento Evangelical para o Movimento Carismático. Os dados da ata não permitem uma afirmação categórica sobre tal questão.

Quanto à questão de gênero, nota-se que a evasão das Comunidades da IECLB caracterizou-se pela família, ou, no mínimo, pelo casal. O número de mulheres que se evadiram é um pouco menor que o dos homens. A nominata da ata considera a pessoa individualmente. Contudo, os sobrenomes duplos, tanto em homens quanto em mulheres, demonstram traços endogâmicos predominantes.

Antecipando um aspecto da análise do conflito teológico que será tratado a seguir, levantamos a hipótese de que é frágil o argumento a respeito da necessidade de abrir uma igreja étnica teuto-brasileira tradicional ao “povo brasileiro”, através de uma pregação do Movimento Carismático com traços pentecostais, já que esses lograram sucesso nas camadas populares urbanas. Como já frisamos, a maioria dos membros da Comunidade Arroio da Manteiga é oriunda de uma paróquia rural bem abrasileirada,¹⁹ que aprofundou levemente seus traços multiétnicos na periferia de São Leopoldo. Cabe destacar que no Vale Três Forquilhas casamentos interétnicos começaram muito cedo. Minha bisavó, Carolina Meier, nascida em fins do século XIX, ficou viúva logo após o casamento, quando ainda não era mãe. Com isso estava deserdada, mas seu sogro lhe repassou um pedaço de terra e contratou um

¹⁹ BOBSIN, Oneide. Vale Três Forquilhas – Protestantismo à brasileira. **Blog**. Disponível em: oneide-bobsin.com.br. Acesso em: 15 jul. 2024.

peão para ajudá-la. O peão, filho de um negro com uma portuguesa, teve com a bisavó Meier três filhas e adotou um menino negro em tenra idade de apelido Pida.²⁰ Logo, minha avó materna se chamava Lydia da Silva Porto, e não trazia o sobrenome do meu avô, Bobsin. Também nunca a vimos em público com seu cabelo encaracolado solto. Sempre de lenço sobre o coque,²¹ mais parecendo uma muçulmana.

Só das duas Comunidades da Paróquia Nova Vida, fundada em 1999, perto de duzentas pessoas pediram desligamento da IECLB,²² sendo possivelmente a etnia teuto-brasileira uma das causas da estagnação numérica da IECLB, segundo lideranças pastorais anteriores à cisão. A questão é mais complexa. É o que se pretende problematizar ao longo do texto. Evidente que a membresia das duas Comunidades não alcançava o nível de pretos e pardos da população brasileira. Pela autodeclaração da cor da pele, aproximadamente 60% dos pentecostais são pretos e pardos.²³

O processo de cisão na Comunidade Campina, da mesma Paróquia da Comunidade Arroio da Manteiga, segue os mesmos passos desta, brevemente analisados até aqui.²⁴ A Assembleia Geral da Comunidade Campina, que efetiva a cisão, acontece numa sala da senhora Braescher, pelos mesmos motivos já elencados acima. A ata demonstra que a Comunidade Campina está acéfala, inclusive seu presidente, Batista da Silva, já havia se desligado. Outros membros, segundo a mesma ata, já haviam buscado filiação à Paróquia de Scharlau e à Comunidade Evangélica do centro de São Leopoldo, ambas da IECLB. Na relação de pedido de desligamento há 26 pessoas, sendo três com sobrenomes que as

²⁰ História Oral da Família. Por ocasião da doença na fase final da vida de minha bisavó Carolina, aos 87 anos, conheci Elpídio, um homem afro-brasileiro que veio de Porto Alegre (1972) visitar a sua mãe adotiva. Foi uma visita de despedida como era praxe naquele tempo. Meus avôs e minhas avós maternas e paternas, também adotaram crianças órfãs, das quais eram padrinhos e madrinhas de batismo.

²¹ BOBSIN, Oneide. *Trança Rejeitada*. In: **Histórias para quem gosta de aprender**. São Leopoldo: OIKOS, 2009. p. 23-25.

²² A cisão nas Comunidades aconteceu em Matias Velho, Cachoeirinha, Santo Antônio da Patrulha, Osório e na região de Campinas, São Paulo.

²³ SPYER, Juliano. **O Povo de Deus** – Quem são os evangélicos e porque eles importam. São Paulo: Geração Editorial, 2020. p. 77.

²⁴ Ata da Assembleia Geral Extraordinária da Comunidade Evangélica de Campina em 02/08/2006. Arquivo do Sínodo Rio dos Sinos/São Leopoldo. Igualmente presidida por Vera L. Roth e pelo vice-pastor Sínodal Kurt Rieck, que passa a atuar como pastor itinerante naquela região da Paróquia Evangélico-luterana Vida Nova.

vinculam às famílias oriundas de Três Forquilhas: Etter, Eberhardt e Vieira. Os demais sobrenomes também mostram uma Comunidade de fé pluriétnica: Foesten, da Silva, Carara, Haag, Keller, entre outros e outras.

Segundo a Ata, há uma nominata de 47 pessoas que permanecem na Comunidade Campina/IECLB, sendo que 14 têm sua origem no Vale Três Forquilhas, como os mesmos sobrenomes da relação acima: Bobsin, Justin Gross, Witt, Vieira, Strassburg e Etter. Entre os demais que não se desligaram aparecem alguns sobrenomes brasileiros e ítalo-brasileiros: Veríssimo, Lucas, Ribeiro, Silveira, Carazai, Montovane, Motta, Ferreira, Flores Teixeira, entre outros e outras. Vemos novamente confirmada a composição multiétnica da Comunidade Campina. Tal percepção é possível na leitura dos nomes da diretoria eleita no ato de cisão: Schneider, Nervas, Flores Teixeira, Vargas. A representante da Comunidade no Conselho Paroquial tem o seguinte sobrenome: Vieira Gross Etter, oriunda do Vale Três Forquilhas. Assim, entre os cinco nomes, há três mulheres e dois homens. Duas mulheres são brasileiras e uma teuto-brasileira. Persiste a pluralidade étnica no grupo dirigente, ou seja, no Presbitério.

Aspectos Teológicos da Cisão

Quando se trata de uma análise acadêmica de perfil socio-teológico que considera aspectos da história das Igrejas e de seus movimentos, como pretendemos com este artigo, pode-se adivinhar do fenômeno analisado categorias que nos ajudam a fazer da experiência religiosa um material empírico relevante. Experiência e empiria estão próximas. Sendo assim, vamos começar com um relato de uma pessoa participante do Encontro Nacional do Movimento de Renovação Espiritual, ocorrido em Joinville, em 2002, quatro anos antes da cisão já referida acima. Dois professores e dois estudantes da EST participaram como pesquisadores do referido encontro, o qual procurou dar uma base confessional luterana ao Movimento Carismático como sinal de pertença à IECLB. Segue um depoimento de uma liderança de Comunidade:

Sabe o quê? Nós (ele e a esposa) somos ecléticos. Experimentamos de tudo um pouco. Minha esposa e eu já estivemos na Quadrangular. Mas esse pessoal pentecostal é muito cerceador. Lá as curas e os batismos do

Espírito Santo têm hora marcada E isso não pode ser! Está tudo muito encaixotado [...]. O E.S. deve ficar livre. E aqui a gente tem essa liberdade luterana.

Se há conflitos dentro da Igreja por causa do Movimento? Olha: tem muita gente penetra no Movimento. Gente de outras Igrejas e isso que causa o conflito. O conflito não é com os tradicionais da Igreja. É que tem uns radicais no movimento, gente que vem de fora, que estraga. Em***(sua comunidade) é assim: do lado tradicional tem uma pessoa que é da maçonaria, que não quer mudança nenhuma. Do outro lado dos carismáticos tem o pessoal pentecostal que se infiltra. Aí fica radical dos 2 lados, e dá conflito.²⁵

O depoimento pessoal do senhor João, líder de uma comunidade da IECLB, reflete aspectos importantes do Movimento de Renovação Espiritual, doravante MRE, o qual assim se autodenomina; porém, para os de fora, Movimento Carismático - MC. O seu depoimento reflete características de uma fase do MRE – Segunda Conferência,²⁶ - na qual foram convidados palestrantes, pastores e teólogos do próprio Movimento e de fora do Brasil. De fato, todos identificados com o movimento carismático luterano internacional. Era a mensagem que a Conferência queria passar para a IECLB: fazemos parte de um movimento carismático luterano; esta é a nossa identidade.

Entre as diversas falas no último dia da Conferência, no domingo, na hora devocional, um pastor tradicional que havia aderido ao Movimento, assim se expressa: “Há quem diga: esta não é mais a minha Igreja? Mas alguém aqui tem uma Igreja?” Na sequência das falas, o pastor Sinodal do Sínodo Rio dos Sinos,

[...] ora com imposição de mãos, pedindo que o Senhor repreenda a maldade, as calúnias vinculadas na Internet e na imprensa; tudo o que desvirtua a verdade. Lembra que a Comunidade permanece fiel a Deus em qualquer situação, “para o que der e vier.”²⁷

Sua fala reflete as tensões na IECLB e as subjetividades aguçadas pelo desconhecimento do MC em grande parte.

²⁵ TRENTINI, Admir; SCHULTZ, Adilson; BOBSIN, Oneide; ZWESCHT, Roberto. **Movimento de Renovação Espiritual**: o carismatismo na IECLB. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2002. p. 23. Trata-se de um Relatório de Pesquisa com observação participante, com descrição de prédicas e liturgias, apresentação de entrevistas e observações do cotidiano da 2ª Conferência Luterana do Espírito Santo, do Movimento de Renovação Espiritual da IECLB, realizada em Joinville/SC, 07-09 de setembro de 2001, e junto a comunidades da IECLB identificadas com o MRE.

²⁶ A primeira Conferência aconteceu em Ivoti, paróquia identificada com o Movimento Evangelical.

²⁷ TRENTINI; SCHULTZ; BOBSIN; ZWESCHT, 2002, p. 27.

Na pluralidade das vozes, destaca-se a do pastor John Aamot, que veio dos Estados Unidos para a Conferência, onde foi palestrante. Ele é considerado um dos pioneiros do Movimento Evangelical (Mov. Encontrão) a partir de sua atuação em Novo Hamburgo, onde desencadeou um processo de formação do discipulado em Cristo a partir dos anos 70 do século passado. Ele fala a partir de dois versículos bíblicos de Paulo que nortearam o seu pastorado. Após o primeiro versículo, ele afirma: “Não é a experiência ou a Igreja que salva alguém: é o evangelho”. E, depois do segundo versículo, afirma que seu ministério está conduzido pela cruz de Cristo. Em decorrência afirma que a partir dela “quem tem experiências carismáticas deve andar junto com quem não tem estas experiências”.²⁸ Segundo este líder do Movimento Evangelical, a cruz nos permite exercitar a tolerância.

Com essas palavras de Aamot, de forma introdutória, seguiremos destacando aspectos de sua entrevista concedida a mim e ao professor Roberto Zwesch, professores da Escola Superior de Teologia de São Leopoldo. Aamot apoia o MC, mesmo tendo divergências com ele. Em sua extensa entrevista em que fala de sua conversão nos Estados Unidos, sua formação teológica na Universidade e sua vinda para o Brasil, demonstra admiração porque diferente do Movimento Evangelical que atuava no despertamento interno da IECLB, o Movimento Carismático busca as pessoas fora do etno-luteranismo teuto-brasileiro. Aamot refere-se a uma visita à Comunidade da IECLB em Matias Velho, Canoas, onde o pastor local se constituiu como uma liderança do Movimento de Renovação:

Mas nesta igreja do Paulo, eu vi o povo brasileiro, e eu chamo de povo brasileiro os não descendentes de alemães e nem casado/a com alemães, mas é povo brasileiro mesmo, que é um povo mais pobre, com uma cultura diferente, mas eu vi um ânimo neste povo de falar de Jesus, de adorar Jesus, de passar tempo com outros, trazendo amigos e parentes, famílias para a igreja. [...] imagino que a pregação é de renunciar qualquer ligação com o Espiritismo ou com qualquer expressão assim. [...]. Agora, o Movimento Carismático a meu ver traz uma bênção para a igreja no sentido de nos alertar da necessidade de alcançar este povo brasileiro. Ou, ao contrário, que é só ficar uma igreja alemã que vai diminuindo e vai morrendo, porque o povo alemão, tem cada vez mais ênfase alemã.²⁹

²⁸ TRENTINI; SCHULTZ; BOBSIN; ZWESCH, 2002, p. 28.

²⁹ TRENTINI; SCHULTZ; BOBSIN; ZWESCH, 2002, p. 28.

Não obstante o apoio ao Movimento Carismático, Aamot não deixa de relativizar teologicamente um aspecto forte do pentecostalismo e do Movimento Carismático, na IECLB e na Igreja Católica, ou seja, o valor da experiência. E segue comentando visitas feitas a Comunidades Evangélico-luteranas onde há pastores do MRE no Vale dos Sinos:

Eu imagino. Eu por exemplo, discordo com várias coisas que tenho ouvido. O Pastor Luís Scheidt ia chegar em Três Coroas uma vez, onde meu genro trabalha como pastor. Então eu tenho um pouco de proteção para com Três Coroas. Eu disse a ele: Olha, não dá, estas suas experiências, eu não duvido, que tu tenhas tido as experiências, mas as experiências que tu tens e que relatas, isso assusta a nossa gente. Prega a palavra, fica na palavra, deixa a experiência de lado, não sei, mas parece que ele fez isso lá. Mas o Mário, ele prega de uma maneira que todo mundo deve ser curado, e isso é anti-bíblico.³⁰

Por fim, o professor Zwetsch pergunta ao entrevistado se ele quer comentar mais algum aspecto do conflito que já estava se gestando na IECLB. Aamot reiterou o que vinha dizendo ao longo da entrevista de forma insistente, sempre apelando para a unidade entre evangélicas, tradicionais, sociopolíticas e, agora, Movimento Carismático: “Nós não resolvemos nada, mas pelo menos dialogamos”.³¹

Diálogos entre Movimento Carismático e IECLB

Mesmo que nosso objetivo neste texto seja fazer uma etnografia da trajetória de um grupo de migrantes com traços leves de uma autobiografia, faz-se necessário falar brevemente dos diálogos entre a direção da IECLB, representada pelo presidente Walter Altmann, o Conselho da Igreja e o Movimento Carismático, este representado por pastores ou grupo de pastores. Posicionamentos da direção da IECLB, Cartas do Presidente, Carta Aberta do MC, posicionamentos de pastores, leituras críticas de pastores, depoimentos de lideranças, manifesto do Movimento Evangelical, resoluções do Conselho de Igreja, entre outras manifestações, referiam-se ao debate teológico a respeito do batismo e rebatismo, que já vinha da última década do século XX, mas que se acentuou com o MRE, como se autodesignava. Parte desses diálogos teológicos foram reunidos no documento “Batismo – Diálogo

³⁰ TRENTINI; SCHULTZ; BOBSIN; ZWESCHT, 2002, p. 76.

³¹ TRENTINI; SCHULTZ; BOBSIN; ZWESCHT, 2002, p. 78.

com o Movimento Carismático na IECLB”, do qual extraímos um texto da apresentação que sintetiza os diálogos que não conseguiram evitar evasão de membros da IECLB:

Esse difícil, porém, necessário diálogo teve uma significativa intensificação em 2004 e 2005. A polêmica central se deu em torno das distintas compreensões teológicas da relação entre graça e fé, sobretudo na compreensão do batismo. O batismo é oferta da graça de Deus acolhida em fé, mas sem poder a fé constituir-me em condição para o batismo. A prática do rebatismo, portanto, representa uma auto-exclusão da base confessional da IECLB.³²

A última frase da citação da Apresentação do presidente da IECLB, Walter Altmann, define um ponto teológico do qual a IECLB não pode abrir mão, que fundamenta o batismo como oferta da graça de Deus, acolhida na fé. Colocado o limite teológico, o MC reage com uma pauta ainda não considerada, segundo uma liderança sua, que está inserida numa resposta da presidência a uma carta Aberta do MC³³, que julgamos necessário ser apresentada para entender o contexto religioso externo ao qual o MC estava suscetível, com fortes traços pentecostais. Os temas que o diálogo não considerou merecem ser destacados, porque eles haviam sido citados na Carta Aberta do MC, em 15 de dezembro de 2004:

Ressaltamos, entretanto, que nossa agenda de temas a tratar é mais ampla do que a abordagem proposta, a saber: Batismo do Espírito Santo, Dons Espirituais, Batalha Espiritual, (Macroecumenismo) e Formação de Comunidade afirmativas.³⁴

A pauta reclamada recebe a resposta da Direção da IECLB de que Batismo e Rebatismo é o tema central, como já vimos acima. Do ponto de vista de nossa análise, que não se restringe às teologias em diálogos, cabe ressaltar que o tema Batismo no Espírito Santo e Dons Espirituais tem afinidades com o pentecostalismo, o que não permite sugerir a pentecostalização do MC. Contudo, esse será um dos públicos a ser alcançado por suas estratégias missionárias, já que o trânsito religioso entre igrejas pentecostais é muito relevante. O tema da Batalha Espiritual

³² IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. ALTMANN, Walter; BOCK, Carlos Gilberto; HASENACK, Johannes Friedrich. **Batismo**: diálogo com o Movimento Carismático na IECLB. Porto Alegre, RS: IECLB, 2006. p. 7.

³³ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, p. 76.

³⁴ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, p. 50.

está mais afeito ao Neopentecostalismo e pode tangenciar, de acordo com o enfoque teológico, para um campo religioso difuso, com o qual o MC quer se confrontar. Esse tema pode ter vínculo com as celebrações macroecumênicas que o MC questiona, em razão da diluição da confessionalidade luterana. É, pois, um assunto ambivalente. Por fim, acerca do debate sobre a Formação de Comunidades Alternativas, MC dialoga com o Plano de Ação Missionária da IECLB (PAMI), que indica a superação das comunidades étnicas tradicionais):

O Plano de Ação Missionária da IECLB desafia as comunidades a romperem suas fronteiras étnicas, culturais e raciais, num avanço missionário consciente e proposital. A prática deste desafio, porém, coloca o trabalho missionário em nossa igreja tanto nas periferias urbanas como nas novas fronteiras missionárias de todo o Brasil, por um lado, diante do sincretismo reinante onde as pessoas passaram por diversos ritos batismais e, por outro, diante da secularização indiferente ou hostil.³⁵

De fato, cabe voltar aos bairros do Arroio da Manteiga e Vila Campina para ver a disposição do MC em fazer Projeto Emergencial ao Fundo de Missão da IECLB, para trabalhos de contraturno escolar na Vila Antônio Leite e Santa Marta. O trabalho na Santa Marta fora realizado ao lado da Usina de Reciclagem de Lixo de São Leopoldo. O prospecto do projeto trazia a seguinte definição: “[...] nossa missão é saber que Deus, tem nos usado para ajudar muitas vidas a serem transformadas, até famílias inteiras”. O programa junto a crianças e jovens em vulnerabilidade trazia os seguintes momentos: “Meditação, Reforço Escolar, Esportes e Artes”. O Fundo de Missão da IECLB liberou o recurso solicitado – R\$ 5.000,00.³⁶ Outros projetos das Comunidades relativos a reformas também foram atendidos, o que mostra uma afinidade até então entre o MC e os Fundos da IECLB.

O envolvimento nas vilas pobres estava no horizonte missionário do MC. Diaconia e Missão estavam atuando juntas, o que nem sempre é comum nas Comunidades tradicionais da IECLB. Além disso, a inserção nestes contextos de vulnerabilidade social coloca o MC em contato com o pluralismo religioso e pluralidade de igrejas pentecostais e neopentecostais, o que reforça o debate sobre batismo e o rebatismo, tema considerado acima.

³⁵ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, p. 59.

³⁶ Projeto solicitado ao Fundo de Missão da IECLB. Cf. COMUNIDADE EVANGÉLICA DE ARROIO DA MANTEIGA, 2006.

Em outubro de 1999, um conflito na Comunidade de Arroio da Manteiga demonstra que as tensões vinham se configurando há mais tempo. Um grupo de pessoas se dirige em carta ao Presidente da IECLB, Huberto Kirchheim, em 04/10/1999, reclamando do “movimento de avivamento”.³⁷ A. Maschmann, A. Maschman, E. Strasburg Witt, N. Vieira Engel, L. da Silva Engel, Marcos Witt, N. Voges, S. Eberhardt e V. Klein, a maioria meus colegas na escola primária mantida pela Comunidade Evangélica em Itati, colocam o seguinte argumento: “Não somos contra uma igreja viva e sim contrários a “movimentos radicais!” que descaracterizam a IECLB”.³⁸ Como vemos, o conflito entre os membros de Comunidades e o conflito entre o MC e a direção da IECLB, este num campo mais teológico erudito, são muito afins. Contudo, a inserção nas periferias, onde se precisa transpor, entre outras, fronteira étnicas (“Igreja dos alemães” como estigma), é ponto comum entre o Plano de Ação Missionária da IECLB e do Movimento Carismático, o que deveria favorecer o diálogo apesar de resistências de parte das classes médias urbanas da IECLB aos pobres, que são responsabilizados pelas suas próprias vulnerabilidades.³⁹ O problema está colocado entre os dois lados em diálogo, mas a diaconia, associada a uma certa concepção de missão, se confronta com o pluralismo religioso e eclesial pentecostal e neopentecostal, puxando para o interior das Comunidades, sob influência do MC, temas teológicos para os quais o diálogo não conseguiu avançar. O problema está colocado, mas as condições teológicas para um avanço, ainda não. Logo, a evasão de membros das Comunidades não significa que o problema não volte a se repetir. Ele permanece latente, em grande parte pela forte presença pentecostal e neopentecostal nas camadas baixas e pobres daquele contexto que se reflete em todo o Brasil.

Passos de uma Trajetória

³⁷ Carta dirigida por um grupo à presidência da IECLB. Cf. COMUNIDADE EVANGÉLICA DE ARROIO DA MANTEIGA, 2006. Arquivo do Sínodo Rio dos Sinos.

³⁸ Carta dirigida por um grupo à presidência da IECLB. Cf. COMUNIDADE EVANGÉLICA DE ARROIO DA MANTEIGA, 2006.

³⁹ O pensamento conservador, agora intensificado pela extrema direita tende a fazer da vítima os responsáveis pelo seu sofrimento. LACERDA, Marina Basso. **O novo conservadorismo brasileiro**: de Reagan a Bolsonaro. Por Alegre: Editora Zuko, 2019.

A disposição pessoal e familiar de emigrar e migrar precisa ser situada num contexto mais amplo de decisões que permitem às famílias a realização de um projeto de mobilidade espacial e de ascensão social. Não podemos ignorar o papel do Estado e de governos numa perspectiva econômica e política nos marcos do desenvolvimento do capitalismo, se considerarmos o sonho de ser dono de uma pequena propriedade rural, a ser gerida pela família nuclear e/ou extensa em conflito com o latifúndio ou com a complacência dele.⁴⁰ No caso do Rio Grande do Sul, a pequena propriedade rural não foi uma ameaça ao latifúndio escravagista, como em outros lugares do Brasil.

Assim, a migração de filhos e filhas de imigrantes oriundos da Alemanha na terceira década do século XIX, bem como de seus e suas descendentes, foi uma presença constante ao longo dos duzentos anos. Já entre os imigrantes isso ocorreu em pequena escala devido aos atrasos das promessas de apoio do Governo Imperial. Da mesma forma que outras etnias foram sendo integradas à Colônia Protestante alemã do Vale Três Forquilhas, outras continuaram migrando para o alto da serra e para outras cidades pequenas mais tarde emancipadas de Osório. A tradição oral da família contava a ida do pastor Ernesto Kunert (1949 -1955) para a região de Araranguá, sul de Santa Catarina, a fim de celebrar cultos com as pessoas egressas do Vale Três Forquilhas e de outros lugares. Hospedado na casa de uma liderança, estranhou que pessoas o espiavam. Perguntou pela razão do interesse dos estranhos, recebendo resposta de seu hospedeiro: São Católicos que acham que pastor protestante tem chifres como o diabo. Naquele lugar nasceu, com os egressos do Vale Três Forquilhas e de outros lugares, uma paróquia Episcopal de Comunhão Anglicana. Apenas um exemplo de migração regional. Paróquias e Comunidades Evangélico-luteranas (IECLB) se constituíram em Torres, Capão da Canoa, Osório, Maquiné, entre outras. O processo de migração regional vem de longa data. Também algumas famílias haviam migrado para o Oeste do Paraná. Uma voltou e se integrou à sua Comunidade de origem, Itati, mas depois passou a ser pentecostal.

⁴⁰ BARROS, Eliane C.; LANDO, A. M. Capitalismo e Colonização – Alemães no Rio Grande do sul. In: **Imigração & Colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. p. 9-46.

Esta é uma característica nacional da IECLB. O etno-luteranismo teuto-brasileiro tem uma forte característica de migração. A IECLB é um tipo de protestantismo de imigração que passou desde cedo para um protestantismo de migração.

Com essas considerações gerais, logo podemos deduzir que a trajetória do grupo que analisamos não representa uma novidade. Evidentemente que não. Como também não constituem novidade as tensões entre carismáticos e as confessionalidades institucionalizadas ao longo da história do cristianismo. Nas primeiras comunidades cristãs, motivadas pela pregação de Paulo, os conflitos já se faziam presentes.⁴¹ O amor está acima dos dons espirituais, diz Paulo. Foi isto que bem expressou o pioneiro do Movimento Evangelical da IECLB, pastor norte-americano João Aamot, em sua entrevista comentada acima. Ele queria o diálogo entre carismáticos, evangélicos, “sociopolíticos” e petistas. Mas ele não aconteceu. E o mesmo se repetiu com a direção da IECLB.

Considerações finais

Sem possibilidade de diálogo teológico, a cisão carismática aconteceu, formando novas Igrejas autônomas, como é comum no Brasil, com agricultores e agricultoras evangélico-luteranas que migram para os bairros de São Leopoldo, onde por décadas a pregação tinha a ênfase evangelical, centrada na conversão de pessoas. Mas este fato por si só não causou a ruptura. Então, qual foi a meu ver, o fator que desencadeou a cisão carismática? Não é comum nas considerações conclusivas falar em hipótese, mas aqui é preciso. O fator externo determinante, que encontrou disposição interna, foi a presença do pentecostalismo e do neopentecostalismo no contexto daquelas Comunidades urbanizadas em periferias. A forte presença pentecostal na periferia incidiu sobre comunidades já tensionadas pela tradição camponesa em adaptação à modernidade religiosa periférica, como também às tensões do evangelicalismo de conversão em contexto com fortes marcas pentecostais e até neopentecostais. A pauta proposta pelos carismáticos à direção da IECLB compunha-se de todas estas características. Por fim, falei em

⁴¹ 1ª Carta aos Coríntios, capítulos 12-14.

hipótese porque uma parte daqueles migrantes que se estabeleceram no Arroio da Manteiga e Campina, sob as mesmas influências, permaneceram em minoria na IECLB.

No mês de dezembro de 2012, os prédios da Paróquia Evangélico-luterana Vida Nova voltaram, por ordem judicial, ao núcleo tradicional, via reintegração de posse. Ao entrarem para o almoço no salão, que havia sido transformado em templo pelos carismáticos, alguém ligou o sistema de som, bem alto, e colocou uma música de bandinha alemã. Um ato individual? Sociologicamente, o indivíduo não existe sem o coletivo, e a cultura popular pode ser um pilar da tradição religiosa, suprimida e/ou reinterpretada.

Por fim, as enchentes de maio de 2024 inundaram toda aquela religião, não perguntando pelos conflitos eclesiais ou de outra natureza. E a solidariedade emergencial tentou abraçar a todos superando a fragmentação das Igrejas.

Referências

ANDRÉ, Richard Gonçalves. Do Samsara à ancestralidade: a apropriação do culto aos ancestrais no Budismo japonês. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano XI, n. 32, p. 277-305, Setembro/Dezembro de 2018. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/download/40442/751375138171/>>. Acesso em: 15 jul. 2024.

BARROS, Eliane C.; LANDO, A. M. Capitalismo e Colonização – Alemães no Rio Grande do sul. *In*: **Imigração & Colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

BOBSIN, Oneide. Ladrões de cavalos e carismáticos – entre Mecklemburg e Butterbach. *In*: MUGGE, Miquéias; MUGGE, Erny; HAUENSTEIN, Iria. (Org.). **Construindo Diálogos – História, Educação e Ecumenismo**. Homenagem a Martin N. Dreher. São Leopoldo: OIKOS, 2010.

BOBSIN, Oneide. Trança Rejeitada. *In*: **Histórias para quem gosta de aprender**. São Leopoldo: OIKOS, 2009.

BOBSIN, Oneide. Protestantismo à brasileira – Vale Três Forquilhas. *In*: Bobsin, O.; Link, Rogério S.; La Paz, Nívia Ivette; Reblin, Iuri A. (Orgs.). **Uma Religião Chamada Brasil**. São Leopoldo: OIKOS; Faculdades EST, 2012.

BOBSIN, Oneide. The Holy and everyday life among Brazilian Lutherans: Syncretisms. *In*: **REFLEXUS**: Revista Semestral de Teologia e Ciências das Religiões: v. 15 n. 2 (2021). Disponível em:

<<https://revista.fuv.edu.br/index.php/reflexus/article/view/2749>>. Acesso em: 15 jul. 2024.

COMUNIDADE EVANGÉLICA DE ARROIO DA MANTEIGA. **Ata da Assembleia Geral Extraordinários da Comunidade Evangélica de Arroio da Manteiga, em 03/08/2006, às 19:30 horas.** Arquivo do Sínodo Rio dos Sinos/São Leopoldo.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL; ALTMANN, Walter; BOCK, Carlos Gilberto; HASENACK, Johannes Friedrich. **Batismo: diálogo com o Movimento Carismático na IECLB.** Porto Alegre, RS: IECLB, 2006.

DURHAN, Eunice. **A Caminho da Cidade.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

HUYER, Nilza Ely. **Vale Três Forquilhas – Litoral Norte/RS: história e memória.** São Leopoldo: OIKOS, 2021.

HUNSCHE, Carlos H. **O Ano 1826 da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Editora Metrópole, 1977.

LACERDA, Marina Basso. **O novo conservadorismo brasileiro: de Reagan a Bolsonaro.** Porto Alegre: Editora Zuko, 2019.

GERTZ, René. **O Fascismo no sul do Brasil.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

LEFEBVRE, Henri. **De lo Rural a lo Urbano.** Antología preparada por Mario Gaviria. Barcelona: Ediciones Península, 1971.

SPYER, Juliano. **O Povo de Deus – Quem são os evangélicos e porque eles importam.** São Paulo: Geração Editorial, 2020.

MACHADO, Maria das Dores Campos. **Carismáticos e Pentecostais.** Adesão Religiosa na esfera familiar. Campinas-SP: Autores Associados: São Paulo: ANPOCS, 1996.

TRENTINI, Ademir; SCHULTZ, Adilson.; BOBSIN, Oneide.; ZWESCH, Roberto. **Movimento de Renovação Espiritual: o carismatismo na IECLB.** São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2002.

OLIVEN, Ruben George. **Urbanização e Mudança Social no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 1988.

PETRONE, M. Theresa Schorer. **O imigrante e a pequena propriedade: 1824-1930.** São Paulo: Brasiliense, 1982.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade.** Fundamentos da sociologia compreensiva. V. I. São Paulo: Editora UnB, 2004.

WITT, Marcos Antônio. **Em busca de um lugar ao sol**: Estratégias Políticas: Imigração Alemã Rio Grande do Sul – Século XX. São Leopoldo: OIKOS, 2000.

WOLF, Eric R. **Sociedades Camponesas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.